


Apresentação do Dossiê – África Global e Diásporas Africanas: novas perspectivas para se trabalhar com ‘pertencimento, identidades e práticas culturais’

Dossier Presentation – Global Africa and African Diasporas: new perspectives for working with ‘belonging, identities and cultural practices’

*Hasani Eliotério dos Santos¹ 

*Karina Almeida de Sousa² 

Resumo

O presente texto é uma apresentação do dossiê temático “África Global e Diásporas Africanas: novas perspectivas para se trabalhar com *pertencimento, identidades e práticas culturais*”, que reúne um conjunto de textos em que o principal tema de discussão é a presença africana em diferentes regiões do planeta. Presença que, ao cruzar fronteiras nacionais cria articulações significativas que influenciaram um conjunto de eventos culturais, políticos e históricos nas comunidades negras e africanas, sobremaneira aquelas inscritas ao longo do Atlântico. Nesta apresentação realizamos um percurso histórico da emergência da diáspora africana como categoria analítica a partir do final dos anos 1950 e discorremos sobre alguns marcos teóricos na formação dos Estudos da Diáspora Africana sob uma perspectiva da formação disciplinar.

Palavras-chave: Estudos da Diáspora Africana; Pertencimento; Identidade; Revolução Cultural.

Abstract

This text is a presentation of the thematic dossier “Global Africa and African Diasporas: New Perspectives for Working with Belonging, Identities, and Cultural Practices,” which brings together a set of texts whose main theme is the African presence in different regions of the planet. By crossing national borders, these communities create significant connections that have influenced a range of cultural, political, and historical events in Black and African communities,

¹ Universidade Federal de São Carlos, Centro de Educação e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Departamento de Sociologia (PPGS-DS/CECH/UFSCar, São Carlos, SP, Brasil). ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1183-7466>.

² Universidade Federal do Maranhão, Centro de Ciências Sociais, Saúde e Tecnologia, Programa de Pós-Graduação em Sociologia (PPGS/UFMA, Imperatriz, MA, Brasil). ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-2552-2046>.

particularly those along the Atlantic. In this presentation, we trace the historical emergence of the African diaspora as an analytical category beginning in the late 1950s and discuss some theoretical milestones in the formation of African Diaspora Studies from a disciplinary perspective.

Keywords: African Diaspora Studies; Belonging; Identity; Cultural Revolution.

A emergência da diáspora como categoria analítica

Os “Estudos da Diáspora Africana” emergiram do esforço de cientistas em reexaminar e reposicionar a experiência de dispersão de africanos(as) e negros(as), inicialmente no Novo Mundo (Américas e Caribe) e agora globalmente. Entre alguns dos principais estudiosos do tema (Davies, 2008; Manning, 2003; Williams, 1999), já está aceito que a “diáspora africana” começou a ganhar destaque e *status* de categoria analítica a partir da década de 1950 (Flor, 2020; Silvério *et al.*, 2020). Contemporaneamente, a disseminação do termo tem desempenhado um papel fundamental na constituição de uma nova área de pesquisas e estudos – abrangente e diversificada – nas disciplinas das humanidades.

Em um contexto histórico impulsionado por determinadas correntes políticas surgidas no interior das lutas pelos direitos civis nos Estados Unidos (EUA) e dos movimentos de libertação nacional na África, foram os historiadores Joseph E. Harris e George Shepperson que apresentaram a “diáspora africana” pela primeira vez como uma categoria de análise. Isso ocorreu durante duas conferências promovidas pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO): uma no *First International Congress of Negro Writers and Artists* (Primeiro Congresso Internacional de Escritores e Artistas Negros), em Paris, em 1956, e outra no *International Congress of African Historians* (Congresso Internacional de Historiadores Africanos), em Dar es Salaam, Tanzânia, em outubro de 1965 (Silvério *et al.*, 2020). Neste mesmo período, especificamente em 1957, Gana se tornou o primeiro Estado africano a conquistar a independência por meio de uma luta anticolonial moderna, sob a liderança de Kwame Nkrumah.

Duas décadas depois, em um seminário ocorrido no *First African Diaspora Institute* (Primeiro Instituto da Diáspora), 1979, organizado por Joseph E. Harris, na Howard University, foi apresentada a primeira edição da coletânea *Global dimensions of the African Diaspora* (Dimensões Globais da Diáspora Africana), na qual, também pela primeira vez, a dimensão semântica do conceito de diáspora foi apresentada. Segundo Harris (1994, p. 3), a diáspora africana representa “a dispersão global (voluntária e involuntária) de africanos através da história; a emergência de uma identidade cultural no exterior com base na origem e condição social; e o retorno psicológico ou físico à pátria, África”.

Dez anos após a *The First International Conference of Negro Writers and Artists*, em 1966, foi realizado no continente africano, em Dakar, Senegal, o 1º *Festival Mondial des Arts Nègres*. Nesse evento, o Brasil inscreveu-se definitivamente nos caminhos da diáspora africana por meio de uma carta aberta enviada por Abdias Nascimento, a qual denunciava os motivos, em sua visão, da exclusão de sua participação e do Teatro Experimental do Negro (TEN) naquele festival (Silvério *et al.*, 2020). Neste mesmo período, em 1975, países como Moçambique, Angola, Guiné-Bissau, Cabo Verde e São Tomé e Príncipe conquistaram a independência a partir de lutas anticoloniais contra Portugal.

Foi durante esse período histórico que as práticas culturais de africanos(as) e seus descendentes passaram a ser compreendidas analiticamente enquanto espaços e dinâmicas capazes de recriar o continente africano nas Américas e Caribe a partir de projetos intrinsecamente políticos e científicos. Sendo assim, as artes, a dança e a música africanas passaram a não ser mais consideradas como domínios independentes das experiências de opressão, resistência e superação do processo colonial, ou seja, compreendendo, contemporaneamente, espaços e dinâmicas centrais na análise da diáspora africana no mundo global e das condições de vida e reconhecimento de africanos(as) e seus(suas) descendentes.

Estas práticas constituem formas transversais de identificação de descendentes de africanos(as) com o continente africano, a ponto de influenciar políticas de redistribuição econômica e reconhecimento cultural no interior dos Estados Nacionais modernos e em organizações multinacionais. Analisar e descrever estas práticas na perspectiva dos Estudos da Diáspora Africana, portanto, nos conduz a interpretações destas expressões estéticas e políticas como espaços de manifestação, onde ocorrem a (re)criação de vínculos sociais e a elaboração de uma memória coletiva derivada da experiência compartilhada da escravidão e dos impedimentos impostos pela racialização. Estas práticas se encontram em espaços de produção de novos *significantes* e *significados* que delineiam novas formas de ser, estar, agir e pensar associadas à diáspora africana.

É na chave analítica da diáspora africana que podemos identificar determinadas formas de ação social, construídas nos interstícios da violência colonial e racial, rumo à criação de novos horizontes de expectativas orientados pela possibilidade de aglutinação de africanos(as) e seus(suas) descendentes globalmente. Estas ações sociais articulam tanto a prática cultural e política quanto a reflexão teórica das ciências humanas; logo, os Estudos da Diáspora Africana e o que Silvério (2022) tem classificado como “Transnacionalismo Negro” apontam para um cosmopolitismo que surge dos processos e experiências de rejeição ocorridos no interior dos Impérios e Estados Nacionais (M’Baye, 2017, Nwankwo, 1970).

Assim, o que vivenciamos contemporaneamente nas ciências sociais pode ser interpretado como um confronto/disputa por hegemonia, em termos gramscianos, entre uma narrativa clássica que reduz a humanidade à visão branca, masculina e eurocêntrica e uma leitura que expande a noção de humanidade e considera as experiências, as diferenças culturais e as contribuições de africanos(as) para a construção de um conhecimento sobre o humano para além dos imperativos hierárquicos das ciências sociais, como *modernidade* e *tradição*, *cultura* e *natureza*, *ética* e *estética*, que traduzem o que Stuart Hall (1992) chamou de “*West/Rest*” – o Ocidente e o resto do mundo.

Dito de outra forma, não basta reduzir a subordinação de uma *raça* a outra no imaginário social coletivo. Como cientistas sociais, temos o compromisso de construir um conhecimento sobre a humanidade que seja capaz de conectar as diferentes experiências e culturas humanas, gerando uma nova consciência e formas de valorização da humanidade em suas diferenças (Bhambra, 2014; Lowe, 2015). Isso ocorre, por exemplo, quando consideramos a cultura africana e sua importância no desenvolvimento da história da humanidade.

Trabalhar com a diáspora africana, como categoria analítica, oferece a possibilidade de percorrer e responder à questão posta por Stuart Hall (2008, p. 103): “Quem precisa de identidade?”. Essa pergunta nos permite demonstrar, a partir de diferentes exemplos empíricos, a importância dos processos de identificação que denotam a experiência histórica da diáspora africana na constituição de outros parâmetros de modernidade. Os Estudos da Diáspora Africana também viabilizam leituras e interpretações críticas da contemporaneidade a partir das novas dinâmicas da vida social que não decorrem do movimento de contracultura de maio de 1968 (que se opôs às formas de autoridade na França) e da teoria crítica da Escola de Frankfurt e dos trabalhos sobre autoritarismo e indústria cultural, ou do feminismo liberal e sua relação com o princípio de igualdade³ (Collins, 2009).

As novas dinâmicas que organizam o mundo contemporâneo, na perspectiva da diáspora africana, podem ser compreendidas e descritas como resultados dos processos de libertação do continente africano e de uma maior identificação positivada de negros(as) do “Novo Mundo” com o continente africano.

Do período pós-Segunda Guerra Mundial à revolução cultural nas ciências sociais

O período posterior à Segunda Guerra Mundial (II G.M.) representa uma inflexão na teoria social. É nele que vemos a emergência de movimentos de contracultura em escala global questionando o *status quo* e as formas em que as sociedades se organizaram no Ocidente sob a lente da modernidade. Coincidentemente, foi durante este período que a sociologia passou por uma fase de síntese e organização do seu cânone disciplinar. Apenas para ilustrar o argumento sobre o contexto, alguns dos principais autores da disciplina, como Karl Marx, Émile Durkheim e Max Weber, publicaram alguns de seus principais trabalhos entre 1852 e 1932⁴, mas foi somente no período pós-II G.M. que a sociologia alcançou sua “era de ouro” a partir da síntese dos trabalhos destes três autores. O período se caracterizou pela institucionalização da sociologia nos principais centros de ensino e pesquisa na Europa e pela popularização da teoria de Parsons e do método quantitativo de Lazarsfeld nos EUA. Neste período, intensificaram-se as relações entre sociólogos(as) e instituições de fomento não estatais, como as Fundações Ford, Carnegie e Rockefeller, bem como os vínculos estabelecidos com organismos internacionais, entre eles a UNESCO e a Associação Internacional de Sociologia (ISA) (Alves, 2010).

³ Para Patricia Hill Collins (2009), a construção da liberdade não foi simplesmente uma metáfora para a teoria política negra nas Américas e no Caribe, mas sim uma construção que teve ressonância literal na experiência vivida por africanos(as) e seus descendentes que lutaram por liberdade.

⁴ O Dezoito de Brumário de Luís Bonaparte (1852); Contribuição à Economia Política (1859); História Agrária Romana (1891); Da Divisão do Trabalho Social (1893); As Regras do Método Sociológico (1895); O Suicídio (1897); Algumas Formas Primitivas de Classificação (1902); A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo (1904); As Formas Elementares da Vida Religiosa (1912); Política como Vocação e Ciência como Vocação (1919); Economia e Sociedade (1922); A Ideologia Alemã (1932); e Manuscritos Econômicos e Filosóficos (1932).

Se durante o pós-II G.M. os EUA passaram a ser o epicentro da sistematização das ciências sociais desenvolvidas na Europa entre os séculos XIX e XX, foi também nos EUA, no mesmo período, que assistimos às ações dos movimentos por direitos civis que contribuíram para uma revolução cultural nas ciências sociais. Conforme Aldon Morris em *The Origins of the Civil Rights Movement* (1984), o movimento por direitos civis tem uma de suas origens no ano de 1953, na cidade de Baton Rouge, Louisiana, quando negros(as) boicotaram massivamente e com sucesso o sistema de ônibus segregado da cidade, fazendo com que as autoridades locais fizessem concessões (Morris, 1984). Já no ano seguinte, em 1954, houve a decisão do “*Brown v. Board of Education*” – um caso jurídico em que a segregação racial em espaços públicos foi proibida –, que demarcou um momento em que uma primeira geração de crianças e jovens negras passaram a frequentar escolas e instituições de ensino livremente nos EUA, como Ruby Bridges, a primeira criança negra a ir a uma escola dessegregada, no estado da Louisiana.

Existe, portanto, uma relação entre a primeira geração de estudantes negros(as) que experienciaram as escolas dessegregadas nos EUA e a emergência do movimento por direitos civis, conforme analisa e descreve a socióloga Karida Brown em *The Battle for the Black Mind* (2025). Neste livro, a autora desenvolve um argumento que mostra que a geração de jovens negros(as) dos EUA dos anos 1960 e 1970 não teve de lutar para frequentar escolas, como a geração anterior, mas sim pela construção de instituições de ensino que pudessem representar suas experiências e seus desejos, demandando um currículo que expressasse o valor da presença negra e africana nos EUA e globalmente. É nesse contexto que os *Black Studies*, *African American Studies* e os *African Diaspora Studies* se formam como departamentos de ensino, pesquisa e investigação científica para atender a demanda dessa geração de estudantes.

A revolução cultural nas ciências sociais pode ser interpretada como uma resultante multicausal do ativismo negro e africano ligado ao movimento por direitos civis nos EUA e a libertação do continente africano. Nesse sentido, a mesma juventude negra e africana da geração dos anos 1960 e 1970 foi a que levantou importantes questões teórico-metodológicas para as disciplinas das humanidades, dentre elas a importância da historicidade e da ação dos indivíduos na constituição de sua própria história.

Os processos políticos decorrentes das lutas de libertação no continente africano e na Ásia, dos movimentos feministas, das expressões contraculturais juvenis daquela época e da presença crescente de jovens negros(as), asiáticos(as) e africanos(as) nos principais centros de ensino da Europa e dos EUA promoveram transformações no nível dos direitos civis e da justiça social, assim como viabilizaram a ampliação de determinados temas e agendas de investigação científica, provocando uma inflexão epistemológica significativa nos marcos jurídicos e nas humanidades.

As ações destes movimentos sociais colocaram em questionamento e suspensão as bases eurocêntricas do pensamento sociológico, tensionando a matriz de pensamento da modernidade clássica. Em meio à expansão dos programas de pós-graduação nas décadas de 1960 e 1970 (Collins, 2009), novas produções de conhecimento emergiram de perspectivas políticas e epistemológicas que buscavam desestabilizar o modelo hegemônico da sociologia dos chamados “anos de ouro” e propor outras formas de interpretar o mundo social.

É nesse sentido que os Estudos da Diáspora Africana surgem a partir destas ações que caracterizaram as revoluções políticas e culturais deste período histórico. Trata-se, portanto, de um contexto caracterizado pelos esforços de síntese da sociologia convencional e pelas forças concorrentes a essa sociologia de matriz histórica europeia, ao racismo e ao colonialismo – que são as ações de jovens negros(as) e africanos(as) em direção à liberdade e a um novo campo de estudos e pesquisas que pudesse ressignificar suas histórias e seu pertencimento africano para o mundo.

Essa breve cronologia da emergência da diáspora africana como categoria analítica ganha outro formato quando apresentamos evidências empíricas relacionadas a essa juventude negra e africana com o campo de estudos e pesquisas que ali se formava. É nesse sentido que apresentamos um documento que testemunha a favor desta cronologia brevemente descrita. Em uma carta de fevereiro de 1958, Joseph E. Harris perguntou a W.E.B. Du Bois – que na época já era um pesquisador sobre a África reconhecido internacionalmente e um incansável ativista das lutas por libertação do continente africano – sobre possíveis temas de pesquisa para o seu doutorado (Harris, 1958). O conteúdo desta carta é um texto de Harris informando Du Bois sobre seu interesse em assuntos sobre a África após o início do programa de Estudos Africanos (*African Studies*) da Universidade Howard e perguntando a Du Bois se ele tinha algum artigo ou texto que pudesse indicar sobre assuntos africanos.

Esta carta pode ser interpretada como um documento histórico da emergência da área de estudos e pesquisas sobre a diáspora africana. A análise de seu conteúdo revela, pelo menos, três informações que podem ser relevantes para estudantes e pesquisadores(as) do tema. O primeiro é de caráter institucional, a menção de Harris de ter feito parte de sua formação na *Howard University* – uma Universidade Historicamente Negra (HBCU) –, especialmente no Departamento de *African Studies*. O Departamento de Estudos Africanos da Universidade Howard remonta a 1953, quando o historiador Rayford W. Logan, um importante estudioso da história africana e afro-americana, fundou o Centro de Estudos Africanos. Formado durante um período marcado pelos movimentos da descolonização africana e pela intensificação do intercâmbio intelectual pan-africano, o departamento buscou estabelecer uma base institucional para o estudo da África a partir da perspectiva de seus próprios povos e histórias, em vez das estruturas eurocêntricas dominantes que há muito moldavam o campo.

Ao longo das décadas de 1950 e 1960, o programa expandiu seu escopo interdisciplinar, incorporando abordagens metodológicas de disciplinas como história, ciência política, economia e antropologia, por exemplo. Este desenvolvimento institucional refletiu tanto a crescente presença de estudantes e pesquisadores(as) africanos(as) em Howard quanto o compromisso histórico da universidade com a libertação negra global. No final da década de 1960, em meio à agitação intelectual e política dos movimentos pelos direitos civis e do movimento *Black Power*, o centro se transformou em um reconhecido Departamento de Estudos Africanos, consolidando o papel de Howard como uma instituição pioneira no avanço da produção de conhecimento sobre o continente africano. Ao mencionar o programa dos *African Studies* de Howard na carta a Du Bois, Harris demarcou a importância da instituição no desenvolvimento de um dos primeiros centros de pesquisa e investigação sobre a África nas Américas.

A segunda informação que nos é revelada nesta carta é sobre o reconhecimento de Harris à trajetória e aos trabalhos de Du Bois. Esta carta é um documento histórico que expressa uma relação tácita de orientação que Harris tenta estabelecer com Du Bois, perguntando-lhe sobre indicações de textos, referenciando a importância de Du Bois no campo de estudos e no ativismo político que ajudou a desenvolver e na promoção da agenda de pesquisa e estudos pela qual Harris estava interessado – os assuntos africanos (*African affairs*). Nesse sentido, há uma relação de reconhecimento e respeito de Harris – o historiador que trabalhou com o termo diáspora africana pela primeira vez – por Du Bois – o primeiro autor a trabalhar com a categoria *raça* como uma construção social e como uma tecnologia de construção de uma comunidade de memória panafricana (Appiah, 2014; Santos, 2024).

A terceira informação é um produto da articulação entre o conteúdo desta carta e o que já se convencionou no campo de estudos sobre a diáspora africana, ou seja, o fato de Harris e Shepperson terem sido os primeiros autores a trabalharem com o termo como uma categoria analítica (Flor, 2020). Nesse sentido, a carta de Harris a Du Bois pode ser lida como um documento histórico que atesta a formação deste campo de estudos e pesquisa, relacionando Harris e Du Bois a uma “linhagem de descendência” (Appiah, 2014) em que um dos temas fundamentais que une os dois intelectuais em uma mesma “linhagem” é a questão africana.

Anos depois da carta e da pergunta feita a Du Bois, Harris se tornou um dos principais pesquisadores dos Estudos da Diáspora Africana. Em 1990, Harris desenvolveu um mapa que continua sendo referência para quem se interessa pelo tema da diáspora africana, mostrando os fluxos migratórios de africanos(as) no mundo, baseado em um exaustivo levantamento de fontes empíricas sobre a presença africana em diferentes continentes. De acordo com Harris (1990, p. 1, tradução nossa)⁵:

O objetivo principal deste mapa é mostrar a direção geral das principais rotas marítimas do comércio de escravos africanos entre árabes, europeus e americanos até 1873. Os destinos selecionados incluem áreas de desembarque e assentamento de escravos, portos visitados por tripulantes africanos, locais de escravos levados ou deixados na Inglaterra e França por proprietários de escravos e oficiais militares, e pontos na Inglaterra e no Canadá para onde os escravos foram levados após a Guerra da Independência dos Estados Unidos em 1783.

Du Bois, por sua vez, passou a ser cada vez mais reconhecido por cientistas sociais ao redor do mundo. No Brasil, por exemplo, passamos a assistir a um momento em que as obras de Du Bois passam a ser mais traduzidas para o português, e nos EUA já observamos um campo de debate e estudos já consolidados em torno dos trabalhos de Du Bois, evidenciando esse momento de transição do “silenciamento ao processo atual de

⁵ The primary purpose of this map is to show the general direction of the principal sea routes of Arab, European and American trade in African slaves up to 1873. The selected destinations include slave debarkation and settlement areas, ports visited by African crewmen, locations of slaves taken on home leave to England and France by slave-holders and military officers, and points in England and Canada where slaves were taken following the American War for Independence in 1783 (Harris, 1990, p 1).

disciplinarização de Du Bois” (Santos, 2024, p. 127). Curiosamente, a história do reconhecimento da importância de Du Bois ganha destaque a partir de 3 de novembro de 1958 – no mesmo ano da carta escrita por Harris –, quando Du Bois foi homenageado pela Universidade de Berlim, onde havia estudado (Silvério; Santos; Costa, 2020).

Desde o final dos anos 1950, multiplicam-se os esforços para recuperar a trajetória, o pensamento e a obra de Du Bois – um movimento que, desde então, tem sido permeado por debates e disputas sobre os significados de seu legado –, e a carta de Harris a Du Bois confirma e materializa esse argumento. No mesmo contexto em que a diáspora africana estava emergindo como uma categoria analítica nas ciências humanas, as obras e o pensamento de Du Bois passaram a ser resgatados e celebrados.

Deste modo, há uma relação de Du Bois e a diáspora africana – enquanto área de estudos, pesquisa e ação política – que precisa ser resgatada ou, em outras palavras, que não pode ser esquecida. Isso significa que as perspectivas mais recentes de se trabalhar com África, *raça* e a população negra em escala transnacional e em uma perspectiva transdisciplinar certamente são uma herança e um legado da teoria social que Du Bois desenvolveu entre os séculos XIX e XX.

Os Congressos Pan-Africanos, organizados por Du Bois a partir de 1919, por exemplo, tiveram papel central na consolidação das lutas anticoloniais e na construção de redes de articulação entre intelectuais e ativistas negros(as) da diáspora e africanos do continente. Essa dinâmica se repetiu nas edições subsequentes dos congressos: o *Second Pan-African Congress*, realizado em 1921 nas cidades de Londres, Bruxelas e Paris; o *Third Pan-African Congress*, ocorrido em Lisboa, em 1923; e o *Fourth Pan-African Congress*, sediado em Nova Iorque, em 1927.

Desde sua participação na *Pan-African Conference* de 1900, e posteriormente nos Congressos Pan-Africanos de 1919, 1921, 1923 e 1945, Du Bois exerceu papel decisivo na formulação do que Peter Worsley denominou, em *The Third World: A Vital New Force in International Affairs* (1970), de “Estados Nacionais de segunda onda” ou “Formações Pan” (*Pan Movements*).

Foi no interior do pan-africanismo proposto por Du Bois que as relações de afinidade e solidariedade entre negros(as) e africanos(as) articularam ciência e política, não como duas vocações diferentes, mas como escolha de vida para extrapolar as fronteiras impostas pelos Estados Nacionais de primeira onda, isto é, os Estados europeus modernos, expressando projetos políticos e intelectuais de alcance transnacional. Foi inclusive em relação ao tópico dos Congressos Pan-Africanos que Du Bois respondeu à carta de Harris, em março de 1958, informando-o sobre a existência de documentos relativos aos Congressos Pan-Africanos na *Fisk University* (que, assim como a *Howard University*, também é uma HBCU) e que este tema poderia lhe servir para os seus estudos (Du Bois, 1958).

Durante toda a sua vida intelectual, Du Bois teorizou a relação entre africanos(as) e afrodescendentes da diáspora, reformulando gradualmente suas interpretações acerca da *raça* enquanto construção histórica e instrumento de análise social e intervenção política. Nesse sentido, a teoria social desenvolvida por Du Bois exerceu uma influência duradoura sobre as gerações seguintes de intelectuais negros(as) e da diáspora africana – como Joseph E. Harris –, ao demonstrar as possibilidades de se desenvolver uma área de

estudos e de ação política orientada à transformação social e à melhoria da qualidade de vida de negros(as) e africanos(as).

Antes mesmo deste período pós-II G.M. e da revolução cultural nas ciências sociais, Du Bois já tinha antecipado algumas destas premissas dos Estudos da Diáspora. Em um texto intitulado *The Negro Mind Reaches Out* (1925) – que completa seu centenário neste ano de 2025 – Du Bois concebe a África como uma categoria estética e política indispensável ao processo de reconhecimento da humanidade de pessoas negras da diáspora. Ele também realiza um diálogo com a filosofia da história de Hegel a partir da ideia de “sombra” – uma categoria analítica que reflete a dominação colonial e imperialista, articulando a relação entre capital e trabalho. *The Negro Mind Reaches Out* (1925) foi publicado como um capítulo do livro *The New Negro* (1925), organizado pelo filósofo Alain Locke, e nele Du Bois aborda a relação entre a filosofia da história e a crítica ao colonialismo, destacando a importância das diferenças culturais e de formas de existência no interior de um Estado Nacional, que influenciam o processo de convivência (ou supressão da convivência) de diferentes consciências e de diferentes comunidades em um mesmo Estado Nacional.

Du Bois (1925) leva em consideração o contexto histórico e transnacional do imperialismo europeu, fazendo uma crítica à mecanização e à exploração dos povos não brancos, destacando a interconexão entre metrópole e colônia. O texto ainda apresenta um exercício analítico de comparação entre diferentes formas de dominação colonial, como a britânica, francesa, ibérica e belga em forma de “sombras”. As diferentes tipologias feitas por Du Bois (1925) sugerem que o contraste analítico entre diferentes formas de dominação colonial (interpretadas como sombras) pode contribuir para o entendimento da emergência de diferentes formações sociais e formas de agência pós-colonial.

Outro aspecto que Du Bois (1925) inaugura neste texto é uma forma de análise macrossociológica do capitalismo em uma perspectiva transnacional, enfatizando a importância das relações de dominação imperial nas colônias por meio do conceito da “linha de cor”, como um problema mundial que organiza o mundo do trabalho, desafiando a ideia de um socialismo efetivo nas colônias. Há de se levar em consideração que a publicação deste texto ocorreu contemporaneamente à Internacional Comunista (Comintern) – a Terceira Internacional, fundada em 1919 e que defendia o comunismo mundial a partir da liderança de membros do Partido Comunista da União Soviética. Nesse sentido, no mesmo contexto em que a ideia de uma formação de “classe trabalhadora” internacional ocorria, Du Bois estava pensando a formação de uma comunidade negra-africana também em escala global.

A partir da metáfora das “sombras”, Du Bois (1925) descreveu as desigualdades da política imperial mundial, compreendendo que essas sombras configuram diferentes expressões do poder imperial, diferentes projetos de assimilação cultural, mas também a contrapartida de diferentes formas de ação anticolonial. Ao final do texto, Du Bois (1925) antecipa a emergência de dois grupos – judeus e negros – como coletividades de alcance internacional, cuja projeção histórica se realizaria sob a forma das diásporas judaica e africana. Nesse sentido, a relação de Du Bois com a emergência dos Estudos da Diáspora pode ser melhor compreendida a partir desta historicização da categoria analítica e de sua importância em assuntos relacionados à África.

Por mais que os Estudos da Diáspora Africana tenham ganhado projeção em instituições de ensino e pesquisa ao redor do mundo, nem sempre os trabalhos acadêmicos brasileiros distinguem os diferentes modelos e perspectivas que constituem a diversificada área dos Estudos da Diáspora Africana. É neste sentido que este texto enuncia alguns processos que denotam a diáspora africana como categoria de análise. Trata-se de uma proposta que busca responder à seguinte pergunta: *quais são os desafios e deslocamentos teóricos e metodológicos que o estudo das práticas culturais dos(as) africanos(as) e seus descendentes, na perspectiva interpretativa da diáspora africana, pode trazer para as ciências sociais?*

A partir dessas considerações, a presente proposta de dossiê temático “África Global e Diásporas Africanas: novas perspectivas para se trabalhar com pertencimento, identidades e práticas culturais” apresenta uma seleção de quatro textos que dialogam com a área dos Estudos da Diáspora Africana, com enfoque analítico e empírico na presença (e deslocamento) global de africanos(as) e seus(suas) descendentes. Os artigos que compõem o dossiê analisam as práticas culturais, os processos de identificação e pertencimento e a produção literária de negros(as) e africanos(as) à luz da categoria analítica “diáspora africana” em diferentes regiões do globo terrestre.

No texto “*Experiência como categoria sociológica: comentários teórico-metodológicos*”, Cairo Henrique dos Santos Lima mobiliza a categoria “experiência” a partir da contribuição teórica dos Estudos Culturais Britânicos, especialmente de autores como E. P. Thompson e Stuart Hall. Com base em um estudo empírico sobre a história transnacional do hip-hop, o artigo apresenta uma sociologia da cultura que descreve processos e situações importantes do desenvolvimento e popularização do hip-hop, em uma perspectiva que vai das *Block Parties* do South Bronx dos anos 1970 à formação do Circuito Paulista de Batalhas de MCs da segunda década do século XXI. É nesse sentido que o conceito de “experiência” é trabalhado no artigo para descrever processos-chave em que signos, símbolos e referências culturais foram e continuam a ser mobilizados em processo contínuo de popularização da cultura hip-hop – descrita como um fenômeno transnacional que expressa formas de resistência e ambivalências de sujeitos no jogo das diferenças.

Em “*Ser com: masculinidades negras na África do Sul pós-apartheid*”, o tema também são os processos sociais, porém com um enfoque empírico nos processos que constroem as interações entre homens no espaço público na África do Sul. A partir de um estudo etnográfico possibilitado pelo Programa Abdias Nascimento, financiado pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior, o texto de Felipe Bandeira Netto trabalha com a masculinidade na África do Sul como um processo relacional e dinâmico constituído por vínculos comunitários, disputas econômicas, pressões políticas e memórias históricas que demonstram que as formas de ser homem entre negros sul-africanos operam seguindo uma ética e ontologia específicas que remontam a perspectivas da filosofia africana, especialmente a noção de vínculo comunitário (*ubuntu*) e pertencimento étnico e territorial. Nesse sentido, a discussão de pano de fundo do artigo é sobre diferentes atividades e formas de interação que constituem identidades que não são fixas, mas reforçam políticas de reconhecimento e pertencimento de indivíduos em meio a processos históricos.

Já em “*Escrevivência como metodologia de resistência: narrativas negras e a produção de memória contra-hegemônica*”, Marília Amparo Alves Gomes e Tânia Rocha de Andrade Cunha propõem uma discussão sobre o uso do conceito “escrevivência” na produção de memória na diáspora africana, especialmente em um contexto afro-brasileiro. A partir da contribuição dos estudos feministas negros, o artigo demonstra como a “escrevivência” se constitui como um importante referencial teórico-analítico para pensarmos a ação social de escritoras e pesquisadoras negras na produção de memórias contra-hegemônicas. Deste modo, a memória é trabalhada como um campo de disputa em que agentes se mobilizam para silenciar e/ou expressar regimes de representação. O conceito de “escrevivência”, nessa perspectiva, é abordado a partir da noção de “experiência” e da perspectiva das condições de vida de mulheres negras. O artigo também expressa que as ações de mulheres negras na condição de pesquisadoras e autoras viabilizam outros regimes de representação na forma de denúncia e proposição política que amplia as noções convencionais de liberdade e cidadania.

Por fim, em “*Habitar a diáspora: o direito à moradia como prática de pertencimento e expressão identitária afro-diaspórica*”, de Anderson Vinícios Branco Lutzer, Ailton Adelar Muller e Aline Benso, o tema é o direito à habitação de comunidades negras em um contexto urbano. O texto discute o atual contexto de intensificação dos movimentos de globalização e os efeitos dos processos migratórios das últimas décadas, que se expressam em diferentes formas de habitar as grandes cidades. Nesse sentido, as grandes cidades do mundo se apresentam como importantes cenários onde a diáspora africana é analisada e descrita a partir da criação de laços comunitários de populações negras e africanas em migração. Assim como a noção de memória que aparece no artigo “*Escrevivência como metodologia de resistência: narrativas negras e a produção de memória contra-hegemônica*”, a ideia de espaço urbano não é descrita a partir de uma neutralidade. O espaço urbano é caracterizado pelas diferentes formas de habitar. Nessa perspectiva, o artigo demonstra que as diferentes formas de habitar das populações afro-diaspóricas são caracterizadas pelos desafios impostos pelos marcos normativos do direito à moradia, que produzem formas de resistência e reinvenção cultural em contextos de crescente desigualdade e de intensificação de processos migratórios.

Referências

- ALVES, Paulo César. A teoria sociológica contemporânea: da superdeterminação pela teoria à historicidade. *Sociedade e Estado*, Brasília, v. 25, n. 1, p. 15-31, 2010. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0102-69922010000100002>.
- APPIAH, Kwame A. *Lines of descent: W. E. B. Du Bois and the emergence of identity*. London: Harvard University Press, 2014.
- BHAMBRA, Gurinder K. *Connected sociologies*. London: Bloomsbury Academic, 2014. DOI: 10.5040/9781472544377.
- BROWN, Karida L. *The battle for the Black mind*. Washington, D.C.: Legacy Lit, 2025.
- COLLINS, Patricia Hill. Freedom Now! 1968 as a turning point for Black American student activism. In: BHAMBRA, G. K.; DEMIR, I. (org.). *1968 in retrospect: history, theory, alterity*. London: Palgrave Macmillan, 2009. p. 3-28.

- DAVIES, Carole Boyce. Introduction. In: DAVIES, Carole Boyce (ed.). *Encyclopedia of the African Diaspora: origins, experiences, and culture*. Santa Barbara, California: ABC-CLIO, 2008. p. xxxi-liv.
- DU BOIS, W. E. B. *Letter from W. E. B. Du Bois to Joseph E. Harris, March 6, 1958*. Massachusetts: University of Amherst Libraries, 1958. (Special Collections and University Archives – Du Bois Papers [MS 312]).
- DU BOIS, W. E. B. The negro mind reaches out. In: LOCKE, Alain (ed.). *The New Negro*. New York: Albert and Charles Boni, 1925. p. 385.
- FLOR, C. G. *Diáspora Africana: por uma crítica transnacional da política negra*. 2020. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Universidade Estadual Paulista (UNESP), Faculdade de Filosofia e Ciências, Marília, 2020.
- HALL, Stuart. Quem precisa da identidade? In: SILVA, Tomaz T. (org.). *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis: Vozes, 2008. Cap. 3, p. 103-133.
- HARRIS, J. E. Introduction. In: HARRIS, J. E. *Global dimensions of the African Diaspora*. Cambridge: Harvard University Press, 1994. p. 3-8.
- HARRIS, Joseph E. *Letter from Joseph E. Harris to W. E. B. Du Bois, February 25, 1958*. Massachusetts: University of Amherst Libraries, 1958. (Special Collections and University Archives – Du Bois Papers [MS 312]).
- HARRIS, Joseph E. *The African Diaspora Map*. Worcester, MA: Clark University Cartographic Service, 1990.
- LOWE, Lisa. *The intimacies of four continents*. Durham: Duke University Press, 2015.
- M'BAYE, Babacar. *Black cosmopolitanism and anticolonialism: pivotal moments*. New York: Taylor & Francis, 2017.
- MANNING, Patrick. Africa and the African diaspora: new directions of study. *Journal of African History*, Cambridge, v. 44, n. 3, p. 487-506, 2003.
- MORRIS, Aldon D. *The origins of the civil rights movement: Black communities organizing for change*. New York: The Free Press, 1984.
- NWANKWO, Ifeoma Kiddoe. *Black Cosmopolitanism*. Pennsylvania: Pennsylvania Press, 1970.
- SANTOS, Hasani. *A teoria da ação social de W.E.B. Du Bois: a mensagem negra-africana que surge do "acaso"*. 2024. Tese (Doutorado em Sociologia) – Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2024.
- SILVÉRIO, Valter R. *Transnacionalismo negro, diáspora africana: uma nova imaginação sociológica*. São Paulo: Intermeios, 2022.
- SILVÉRIO, Valter R.; SANTOS, Hasani E.; COSTA, F. O. Racismo acadêmico e formação das ciências sociais na América: W.E.B. Du Bois e a interseccionalidade entre ciência e política. *Revista da Associação Brasileira de Pesquisadores/as Negros/as*, Curitiba, v. 12, n. 32, p. 333-366, 2020. DOI: <https://doi.org/10.31418/2177-2770.2020.v12.n.32.p333-366>.
- WILLIAMS, Dwayne E. Rethinking the African Diaspora: A comparative look at race and identity in a transatlantic community. In: HINE, Darlene Clark; MCLEOD, Jacqueline (orgs.). *Crossing boundaries: Comparative history of black people in diaspora*. Indiana University Press, 1999. p. 105-120.

Declaração de Coautoria: Hasani Eliotério dos Santos declara ter participado da “Concepção do tema de discussão; mobilização das cartas trocadas entre Du Bois e Joseph Harris como objeto de análise do artigo; análise de dados.”; e que a seção “Do período Pós-Segunda Guerra Mundial à Revolução Cultural nas Ciências Sociais” é oriunda de material já “publicado em minha tese e em outros artigos.” Karina Almeida de Sousa, por sua vez, esclarece ter tomado parte da “Concepção do tema de discussão; análise e revisão de dados, elaboração do texto.”

***Minicurrículo das Autorias:**

Hasani Eliotério dos Santos. Doutor em Sociologia pela Universidade Federal de São Carlos (2025). Pesquisa financiada pela CAPES (Processo nº 421053/2023-2). E-mail: hasanisantos@gmail.com.

Karina Almeida de Sousa. Doutora em Sociologia pela Universidade Federal de São Carlos (2020). Professora adjunta do Departamento de Ciências Humanas/Geografia da Universidade Federal do Maranhão, Campus Grajaú. Pesquisa financiada pela CAPES (Processo nº 421053/2023-2). E-mail: ka.sousa@ufma.br.

Editora de Seção: Raquel Kritsch .

Declaração de Disponibilidade de Dados

Nenhum dado de pesquisa gerado ou utilizado.

Declaração de uso de IAGen

Este artigo contou com o uso da ferramenta de inteligência artificial [ChatGPT (OpenAI)] exclusivamente para revisão de estilo e adaptação de linguagem, brainstorming, síntese e geração de esboço. A inteligência artificial foi usada para revisar e adaptar elementos de pesquisas anteriores feitas pelos autores para este artigo. Todo o conteúdo gerado pela ferramenta foi verificado, revisado e validado pelas autorias, que assumem responsabilidade integral pelos resultados apresentados. O registro integral das interações com a ferramenta de IA está disponível em: <https://chatgpt.com/share/69220903-6b2c-800a-b79d-92a34337037d>. Acesso em: 11/11/2026.